

NOVA YORK

MOLDURA EM BRANCO

NA CURADORIA ÍNTIMA DE
UM MARCHAND NO WEST CHELSEA,
ENTRAM APENAS PEÇAS LIGADAS À SUA
ESSÊNCIA. SUA PENTHOUSE DESPE-SE
DE OSTENTAÇÃO AO MISTURAR O
INGLÊS LOCAL COM O PORTUGUÊS DO
ARQUITETO ANDRÉ MELLONE

TEXTO CAROL SCOLFORO
FOTOS FRAN PARENTE/DIVULGAÇÃO

De todo o terraço, com
mesa e bancos feitos sob
medida, se avista o bairro
do Chelsea. Na pág.
seguinte, a biblioteca e as
esquadrias pretas envolvem
o living, composto pelo par
de sofás de couro italianos,
a poltrona reformada de
Gio Ponti e a mesa de centro
de madeira e mosaico,
de Vladimir Kagan





Estar, jantar e cozinha convivem no mesmo espaço, iluminado por pendente de Lindsey Adelman e luminária de piso de Greta Magnusson Grossman. Na pág. seguinte, outro ângulo do mesmo ambiente evidencia a mesa de Jean Prouvé, as cadeiras de Norman Cherner e a vista do terraço





Poucos e bons itens no quarto: uma luminária suspensa de Angelo Lelli, uma fotografia antiga dos Alpes Suíços acima do armário e uma aquarela de trigue garimpada em brechó (na foto da pág. anterior); e, à dir., o lavabo tem papel de parede da Cole & Son e pôster de Egon Schiele





André Mellone desenhou os vasos de zinco e os bancos do terraço, cujos estofados podem ser guardados nas gavetas embaixo; a mesa de centro é de Edward Wormley; e, ao fundo, vê-se a silhueta do Empire State Building

A expectativa ao entrar na casa de um *art dealer* é imensa. Imagina-se que ali haverá uma galeria particular envolvente, capaz de refletir a exuberância estética que o cerca em seu dia a dia. Mas esta aqui passa longe de clichês. O jovem europeu, com carreira em ascensão na maior casa de leilões de arte dos Estados Unidos, queria apenas respirar, descansar os olhos do fervor artístico vivido no West Chelsea, em Manhattan. Era necessário se despir de qualquer exagero e ter no refúgio apenas peças ligadas à sua história. Renovar-se para o *serendipity* – as descobertas inesperadas –, parte mágica do ofício.

Após apoderar-se de uma típica *penthouse* duplex americana, o marchand conheceu André Mellone. Da sintonia imediata veio a parceria para transformar os interiores. Brasileiro radicado em Nova York há 20 anos, o arquiteto apurou a base depois de encontrar o equilíbrio entre as origens, o presente e os planos futuros do morador. Profissional e cliente, também vizinhos, estavam em momentos parecidos: curadoria afinada e ostentação zero. Optaram por obras seletas em pontos estratégicos, repletas de significado. “Ele gostou do meu apartamento, cujo projeto deu o *start* ao meu escritório há três anos, e pediu aquele estilo”, explica Mellone, que desde antes da formatura na faculdade de arquitetura nos Estados Unidos já tinha seus *renderings* notados por grandes empresas. O traço bom, aliás, é herança do renomado designer brasileiro Oswaldo Mellone, seu pai. “Eu o considero um dos melhores”, diz.

O living causa impacto graças à biblioteca, uma estante que ocupa toda uma parede de pé-direito duplo e que exhibe livros, esculturas e objetos queridos, nem sempre ícones artísticos – sorria ao avistar um tubarão de pelúcia em um dos nichos. A mesa de jantar fica posicionada no estar, mas poucos e bons amigos são recebidos. A cozinha, por sua vez, foi parcialmente fechada pelo mesmo *frame* de aço e vidro presente nas janelas. O recurso é marca registrada de Mellone e transmite uma atmosfera ao mesmo tempo sóbria e sexy. “Inconscientemente, comecei a usar nos projetos e vi que gosto dessa forma de divisão espacial.” Ao atravessá-las em direção ao horizonte, o olhar alcança o Empire State e o High Line, que ficam nos arredores. Por perto estão ainda as galerias de arte mais expressivas da cidade – que o proprietário percorre a pé.

As escolhas de mobiliário mesclaram peças contemporâneas a achados vintage, originais das décadas de 1950 e 1960, apenas renovados. “Nada é *reissue*. Foi muito importante encontrar coisas bonitas, mas antigas, com sinais do tempo”, conta André. Essa aposta deu *mood* nobre ao décor. “É um apartamento que só poderia estar em Manhattan. Um *bachelor pad* de apostas simples, tons sóbrios. Uma mistura que expressa bem quem o dono é: influente, criativo, popular, forte.”

Na ala íntima, mais diversão com a arte. Uma aquarela de tigre, no quarto, foi encontrada em um brechó. No lavabo e no escritório, peixes surgem em estampa ou resina (sim, direto do oceano!), e destacam o hobby antigo do proprietário, a pesca. Aqui, a liberdade de quem mora é capaz de dissuadir quaisquer olhos ávidos por luxo ou coisa do tipo. É o avesso da ostentação. ●

